



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação Em Psicologia

INSTRUÇÕES PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS MONOGRÁFICOS
DE PÓS-GRADUAÇÃO

Ana Ludmila Costa

Isabel Fernandes de Oliveira

Oswaldo Yamamoto

José Pinheiro

Natal

2015

Apresentação

O material que se segue trata-se de uma atualização do documento elaborado por Yamamoto e Pinheiro (2000) para servir de orientação para a elaboração de monografias de pós-graduação, nos seus diversos níveis, para os estudantes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na ocasião, os professores, fizeram uma compilação das instruções utilizadas na disciplina “Pesquisa bibliográfica e comunicação científica”, no ano de 1999, tomando como base o *Publication Manual of the American Psychological Association*, 4ª edição (American Psychological Association, 1994).

De acordo com Yamamoto e Pinheiro (2000, p. 1),

uma vez que tal manual trata, sobretudo, da preparação de manuscritos para publicação e de padrões para a organização de periódicos, dedicando apenas poucas páginas do seu Apêndice A para discutir exclusivamente teses e dissertações, algumas adaptações foram feitas, utilizando, para tanto, outros padrões de publicação consagrados na academia.

Para a versão atual, o material de base continua sendo o manual da APA, mas desta vez, em sua sexta edição (APA, 2010). Importante ressaltar que aqui estão reunidos modelos e instruções gerais para padronização e formatação do texto e das referências. Por isto, para um tratamento mais detalhado, assim como nos casos aqui omissos, sugerimos consultar o próprio manual da APA ou consultar o colegiado do programa.

Assim como fizeram nossos antecessores, alertamos que este documento limita-se a auxiliar a organização física dos trabalhos monográficos, não consistindo material

sobre métodos de pesquisa ou de redação de trabalhos acadêmicos, apesar de algumas observações acerca desses aspectos estejam presentes. Para mais informações nesse sentido, sugerimos uma lista de obras no Apêndice.

Os autores agradecem à Profa. Dra. Raquel Farias Diniz pela colaboração na revisão deste material.

Sumário

1. Monografias de pós-graduação: introdução	5
1.1. O que é uma monografia?.....	5
1.2. Exigências do trabalho científico e linguagem científica	6
2. Apresentação gráfica de uma monografia de pós-graduação.....	9
2.1. Paginação	9
2.2. Margens e alinhamento	9
2.3. Fonte e espaçamento	10
2.4. Títulos e subtítulos	11
2.5. Formato final do texto.....	12
3. Partes constitutivas de uma monografia de pós-graduação.....	13
3.1. Esquema geral de um trabalho monográfico.....	13
3.2. Parte pré-textual	14
3.2.1. Capa	14
3.2.2. Errata	15
3.2.3. Página de rosto	16
3.2.4. Ficha Catalográfica	18
3.2.5. Página de Aprovação.....	18
3.2.6. Epígrafe e Dedicatória.....	20
3.2.7. Agradecimentos.....	20
3.2.8. Sumário	21
3.2.9. Listas de figuras e tabelas	22
3.2.10. Resumos	23
3.3. Parte textual.....	24
3.3.1. Organização da parte textual.....	24
3.3.2. Tabelas, figuras e notas de rodapé	29
a) Tabelas e figuras	29
3.4. Parte pós-textual: descrição e modelos	31
3.4.1. Referências	31
3.4.2. Apêndices e Anexos	37
Referências	38
Apêndice	39

1. Monografias de pós-graduação: introdução

1.1. O que é uma monografia?

A literatura registra que “trabalhos monográficos” constituem-se naquela modalidade de produção acadêmica que, cumulativamente, (a) versando sobre um tema específico (b) tratado de forma exaustiva e em profundidade, (c) tendo como suporte a investigação científica, (d) apresenta contribuições pessoal e original ao progresso da ciência (Andrade, 1995).

Monografia, portanto, constitui-se em termo genérico, sob o qual encontram-se diversas modalidades de trabalho acadêmico. No nosso caso, estamos denominando de “trabalhos monográficos de pós-graduação”, todos os trabalhos elaborados como exigências parciais para a obtenção dos diversos títulos acadêmicos no âmbito dos estudos pós-graduados: a monografia fruto de especialização (ou pós-graduação *lato sensu*), a dissertação de mestrado e a tese de doutorado, estas últimas sendo decorrentes do que se chama de pós-graduação *stricto sensu*.

Evidentemente, nem todos esses trabalhos atendem todas as condições, sobretudo, a última apresentada. Para efeitos deste manual, nos deteremos no que se refere especificamente às dissertações e teses que, de acordo com Bianchetti e Machado (2006), consistem em valiosos exemplares da produção científica nacional: primeiro, consistem no formato mais sofisticado e concreto da formação de mestres e doutores, consideradas objetivo final dessas modalidades de curso e, portanto, integram análises mais completas do processo formativo; segundo, trata-se de um produto de caráter coletivo por incorporar não só as considerações do aluno-autor, mas também do orientador e dos demais pesquisadores que compõem as bancas de qualificação e avaliação retratando, assim, não somente o desenvolvimento teórico-

metodológico do pós-graduando, mas representando também outros atores que compõem o sistema de pós-graduação; e por fim, oferecem a garantia da qualidade do que é veiculado por tratar-se de produção arbitrada por pesquisadores experientes da comunidade científica.

Importante ressaltar que o mestrado e o doutorado ocupam papel distinto na ciência brasileira. De acordo com Severino (2007), além de evidenciar o conhecimento na literatura existente sobre o assunto por parte do aluno, a dissertação deve comprovar sua capacidade de conduzir uma pesquisa científica completa, desde sua concepção, planejamento, coleta e análise de dados e sua publicação em formato científico. Para isto, são permitidas replicação de estudos, tradução de instrumentos e procedimentos ou pesquisas de escopo reduzido, já que o objetivo é o aluno demonstrar seu conhecimento na realização de uma pesquisa, independente do conteúdo dos resultados.

De outro modo, pela regulamentação oficial do Sistema Nacional de Pós-graduação, a tese deve consistir em atividade de pesquisa que resulte em trabalho original, que promova real contribuição para a área do conhecimento e para o país, demandando maior tempo, esforço e dedicação por parte do pesquisador (Conselho Federal de Educação, 1983). Trata-se, pois, de um produto final mais complexo, que deve refletir os debates mais atuais, expressivos e sólidos que ocorrem nos programas.

Todavia, as características gerais, do ponto que nos interessa neste material, são bastante semelhantes. Desta forma, tomando como suposto que o grau de exigência difere de modalidade para modalidade, trataremos as questões formais como se não houvesse distinções entre elas.

1.2. Exigências do trabalho científico e linguagem científica

Uma primeira observação a respeito dos trabalhos científicos, é que devem ser escritos tomando como parâmetro as características do público leitor. E como definir isso, nos casos das dissertações e teses? Trata-se de um simples trabalho acadêmico que deverá ser avaliado por uma banca examinadora? Ou devemos pensar em algo mais grandioso, como a comunidade científica? Ou, ainda, o público não-especializado, através da circulação mais ampla das nossas descobertas?

Umberto Eco (1996) sugere uma resposta bastante interessante. Uma tese, diz Eco, “é um trabalho que, por razões ocasionais, se dirige ao examinador, mas presume que possa ser lida e consultada, de fato, por muitos outros, mesmo estudiosos não versados diretamente naquela disciplina” (p. 113).

Com essa referência, estamos querendo chamar a atenção para duas questões. A primeira, do cuidado necessário na escolha do trabalho a ser desenvolvido, para que o investimento de tempo, esforço e, em muitos casos, de recursos públicos, seja direcionado para o estudo de temáticas que sejam significativas e conduzidas com zelo, mesmo que os objetivos últimos de impacto científico não sejam atingidos. A segunda diz respeito à necessidade de atentar para determinados requisitos da linguagem científica, entre eles, clareza, concisão, correção e precisão. Muitas vezes, brilhantes trabalhos de pesquisa são obscurecidos por uma comunicação inadequada. Estas exigências, comuns a qualquer trabalho científico, não serão objeto de nossa atenção aqui. Obras e manuais especializados existem em profusão e devem ser consultados para a condução desses trabalhos.

Além desses aspectos, figura uma dificuldade adicional que rouba horas de sono daqueles empenhados em elaborar suas monografias: as regras formais para a apresentação dos trabalhos. O propósito deste trabalho é, pois, simplesmente facilitar a tarefa de elaborar, do ponto de vista físico e gráfico, os trabalhos monográficos de pós-graduação.

Embora as normas não sejam, nem precisem ser, necessariamente, arbitrárias (mas resultado de experiências anteriores mais ou menos bem sucedidas em seus propósitos), inquestionavelmente elas guardam muito de arbitrariedade. Desta forma, outra advertência que se impõe é que não estamos advogando que esta seja a única forma, a forma correta ou, talvez, nem sequer a melhor para organizar trabalhos de pós-graduação. Simplesmente, adotamos um padrão local, baseado no manual da *American Psychological Association* (APA), recomendado no Brasil pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), e adaptado nos pontos não contemplados no manual e naqueles impostos pelas diferenças gramaticais do inglês com relação ao português.

2. Apresentação gráfica de uma monografia de pós-graduação

2.1. Paginação

Nas páginas preliminares (pré-texto), numerar com algarismos romanos (minúsculos).

A numeração nas demais partes deve empregar algarismos arábicos. O PPgPsi adota no alto, à direita (1,27 cm da margem superior)

A numeração deve ser contínua, até os apêndices.

Algumas páginas (folha de rosto, sumário, página de assinaturas, folha inicial de capítulo) podem não apresentar numeração (ou apresentá-la em local especial, como centralizada, no rodapé), mas todas fazem parte da numeração, com exceção da capa.

Não deixar páginas em branco para separar partes (todas as páginas são numeradas, embora o número possa não aparecer).

2.2. Margens e alinhamento

Deve-se utilizar em todo o texto a seguinte padronização de margens:

Lado	Distância
Esquerda	3 cm
Direita	2 cm
Superior	3,5 cm
Inferior	2 cm

Nas páginas que iniciam capítulos (como esta), a margem superior deve ser maior (em torno de 5 cm).

No que se refere ao alinhamento, deve ser justificado no texto inteiro. Não utilizar sinais gráficos (barras, travessões etc.) na margem lateral direita para efeito de alinhamento.

A primeira linha de cada parágrafo deve sofrer um recuo equivalente a 5 espaços (ou 1,25 cm ou 1 TAB).

As exceções são para a capa e folha de rosto (com elementos centralizados, conforme a ser apontado na seção correspondente) e tabelas e figuras.

Nas citações longas (transcrição de mais de 40 palavras), usar recuo de cinco espaços, em bloco (sem recuo na primeira linha), alinhado à direita. Esses blocos não devem aparecer entre aspas.

2.3. Fonte e espaçamento

Recomenda-se utilizar uma fonte serifada, de preferência, a *Times New Roman*, tamanho 12. Utilizar sempre a mesma fonte para todo o corpo do documento. As exceções são para os títulos primários (tamanho 14) e notas de rodapé (tamanho 10).

Utilizar o estilo regular (normal) em todo o texto. O estilo itálico deve ser utilizado para grafar nomes científicos, expressões estrangeiras ou títulos de obras ou documentos. Os destaques, quando indispensáveis, devem ser feitos em negrito, que também é empregado nos títulos de seções primárias e secundárias.

Utilizar espaço duplo no texto inteiro. Entre as exceções a essa regra geral, encontram-se: títulos de tabelas e figuras; notas de rodapé; citações longas (em blocos) e referências bibliográficas (que podem ser em espaço simples ou 1,5 cm, de forma a facilitar a leitura).

Nas referências bibliográficas empregar espaçamento simples intra-referência e duplo entre referências¹.

Em certos trechos do trabalho monográfico, um espaçamento maior (uma linha em branco, com espaço duplo) pode ser ocasionalmente utilizado, para facilitar a leitura (p. ex.:

¹ Isso é facilmente obtido através de um processador de texto, formatando-se o parágrafo com entre linhas “simples” e “espaçamento antes” de 12 pontos (equivalente a uma linha deixada em branco).

títulos de seções, antes de iniciar as notas no rodapé da página, para reiniciar o texto após tabelas ou figuras etc.).

2.4. Títulos e subtítulos

O esquema de títulos adotado no PPgPsi é parcialmente baseado no manual da APA. Devem iniciar sempre com maiúsculas apenas na letra inicial e sem recuo da margem, conforme as demais formatações a seguir:

1. Título de seção primária (nome do capítulo, iniciando página), em negrito, em caracter pouco maior do que o do corpo do texto.

1.1. Título de seção secundária, sem recuo, em negrito e caracter de mesmo tamanho do corpo do texto.

1.2. ...

1.2.1. Título de seção terciária, com algum grifo (p. ex., itálico).

a) Seções quaternárias devem ser evitadas

Quando necessárias, devem ser indicadas por alíneas, na forma de: “letra”, seguida de “fecha parênteses” e com algum grifo (p. ex., itálico), como acima.

Após cada linha de título (de qualquer nível), citações em bloco, figuras e tabelas, deve-se acrescentar uma linha em branco (em espaço duplo, como o resto do texto).

2.5. Formato final do texto

Para a banca de avaliação, os volumes devem ser confeccionados sob as normas aqui referidas, com arquivo salvo em formato word, e enviados a secretaria do PPGPsi que, preferencialmente, enviará os exemplares para os membros da banca por e-mail. Caberá ao aluno e/ou ao seu orientador inquirir e providenciar cópia impressa de exemplar, caso algum membro da banca manifeste exigência de exemplar em papel. O formato para tal será papel branco tamanho A4 (210 x 297 mm) para o formato digital e para a cópia impressa. No segundo caso, adotar-se-á a gramatura do papel em gramatura 75 g/m² com encadernação utilizando espiral simples (em plástico).

A forma final do trabalho, ou seja, a versão que incorpora as observações da banca (quando necessário), não precisa ser impressa, devendo seguir as recomendações disponíveis no Sistema Acadêmico (SIGAA) da UFRN. Importante lembrar que nessa versão final deve constar a Ficha Catalográfica a ser elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade, procedimento também disponível pelo SIGAA e a Página de Aprovação.

3. Partes constitutivas de uma monografia de pós-graduação

3.1. Esquema geral de um trabalho monográfico

O quadro abaixo apresenta, na coluna esquerda, a organização indicada no manual da APA (2010), e na direita, uma proposta de adaptação, contemplando as partes que usualmente são exigidas nas universidades brasileiras (encontradas, por exemplo, em Andrade, 1995).

American Psychological Association	Estrutura adaptada (PPgPsi)
Preliminary pages	Parte pré-textual
Title page	Capa
Approval page	Errata
Acknowledgment page	Página de rosto
Table of contents	Ficha Catalográfica
List of tables and figures	Página de aprovação
Abstracts	Epígrafe/Dedicatória
Introduction	Agradecimentos
Method, Results and Discussion	Sumário
References	Listas de Tabelas/Figuras
Appendixes	Resumo (bi/trilingüe)
	Texto
	Introdução
	Desenvolvimento
	Conclusões
	Parte pós-textual
	Referências bibliográficas
	Apêndices
	Anexos

3.2. Parte pré-textual

3.2.1. Capa

Não há um padrão consensualmente aceito para elaborar as capas. O modelo que se segue constitui-se em uma capa possível, contendo todos os elementos necessários para a identificação do trabalho.



Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TÍTULO DO TRABALHO EM MAIÚSCULAS E CENTRALIZADO

Nome Completo do Autor (centralizado)

Natal

Ano

No modelo, o cabeçalho é apresentado centralizado, sendo as duas primeiras linhas com a fonte em tamanho 12 e a terceira (nome do programa), em tamanho 14.

O título é centralizado, todo em maiúsculas, também em tamanho 12. Os demais elementos também são centralizados e em tamanho 12.

Toda a página deve estar em espaço duplo.

3.2.2. *Errata*

O hateful Error, Melancholy's child...

(Shakespeare, Julius Caesar, Act 5, Scene 3)

A despeito do (necessário e indispensável) cuidado na elaboração e revisão do material, muitas vezes os erros são inevitáveis. A “Errata”, página encartada antes da primeira página, em folha avulsa ou um retalho de folha, deve ser utilizada como último recurso. Último recurso significa, monografia impressa, cópias tiradas e encadernadas para serem entregues à banca (no caso da versão final a ser depositada no SIGAA, não deve haver errata).

Não causa, certamente, uma boa impressão encontrar uma folha de Errata ao abrir um material para ler. Por isso, deve-se evitar ao máximo utilizar tal recurso. Contudo, é preferível lançar mão da folha de Errata a deixar erros que comprometam a compreensão do texto. Portanto, utilize a Errata apenas quando for imprescindível; não para pequenos erros.

A página (ou retalho) contendo a Errata assume a seguinte forma:

ERRATA

Onde se lê	Leia-se	Página	Parágrafo	Linha
“escores individuais”	“proporção média”	67	3 ^o	8 ^a

3.2.3. Página de rosto

Trata-se da página que abre o trabalho, devendo, portanto, conter todos os elementos identificadores. Tais elementos são (a) nome do autor; (b) título do trabalho; (c) grau pretendido; (d) nome da instituição a que é submetido; (e) área de concentração (se for o caso); (f) nome do orientador; (g) número de volumes, se houver mais de um; (h) local (cidade) e (i) ano.

Segue-se um modelo de página de rosto.

Nome Completo do Autor, centralizado

TÍTULO DO TRABALHO EM MAIÚSCULAS, CENTRALIZADO

Dissertação elaborada sob orientação do Prof. Dr. Fulano de Tal e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal

Ano

3.2.4. Ficha Catalográfica

A Ficha Catalográfica deve ser elaborada por um profissional bibliotecário e ser localizada na página seguinte à Página de Rosto (necessária apenas para a versão final, e não para a versão a ser encaminhada para a banca de avaliação).

No caso da UFRN, a Biblioteca Central Zila Mamede tem profissionais especializados para executar esse serviço, gratuitamente, para a comunidade universitária.

3.2.5. Página de Aprovação

A Página de Aprovação deve seguir a Ficha Catalográfica (necessária apenas na versão final). Esta página deve conter a assinatura de todos os integrantes da banca examinadora, para conferir autenticidade à defesa/exame. Observar que o espaço reservado às assinaturas corresponde ao número de componentes de cada modalidade de trabalho (três para mestrado; cinco para doutorado).

Segue-se o modelo para uso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN (PPgPsi):

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A monografia/dissertação/tese "Título completo do trabalho", elaborada por "Nome Completo do/a Aluno/a", foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de ESPECIALISTA/MESTRE EM PSICOLOGIA.

Natal, RN, __ de _____ de 20__

BANCA EXAMINADORA

Nome Completo do/a Professor/a _____ (assinatura)_____

Nome Completo do/a Professor/a _____ (assinatura)_____

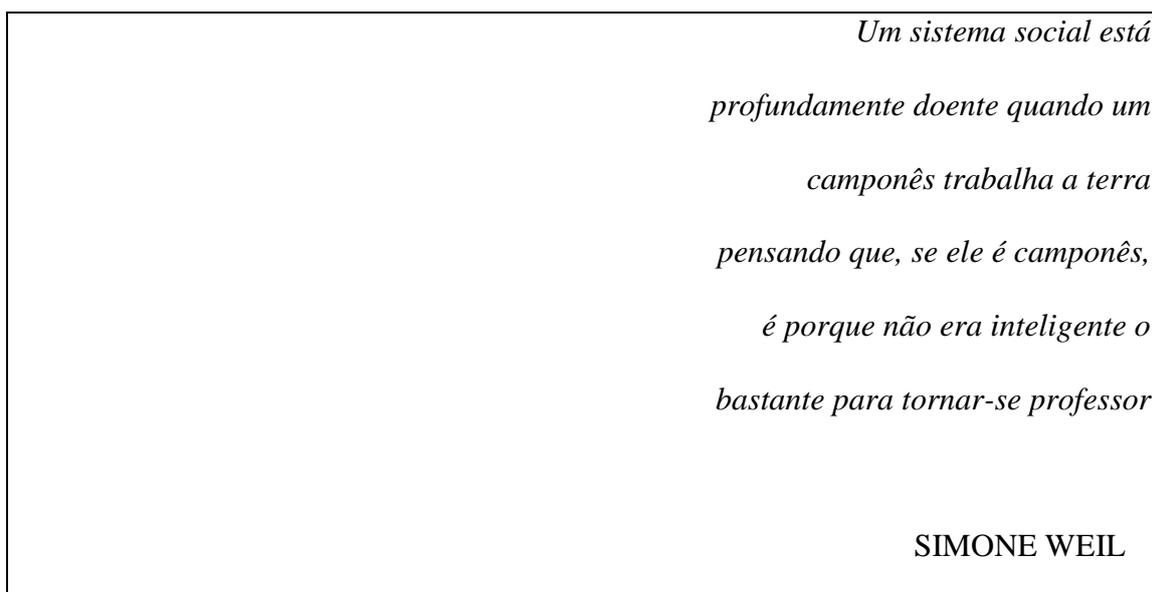
Nome Completo do/a Professor/a _____ (assinatura)_____

3.2.6. Epígrafe e Dedicatória

São páginas opcionais, que devem seguir a Página de Aprovação, na ordem indicada no tópico.

A Epígrafe constitui-se em uma oração, geralmente extraída de alguma obra que tenha assumido significado especial para o autor e que prepare o espírito do leitor para o que se segue. Eventualmente, trechos de depoimentos tomados e analisados no trabalho podem ser utilizados para esta finalidade.

Deve figurar em página única, colocada no canto inferior direito. Segue-se um modelo possível de Epígrafe:



A Dedicatória, obedecendo à mesma estrutura, isto é, colocada no canto inferior direito da página, também é opcional. Não deve ser confundida com a página de Agradecimentos.

3.2.7. Agradecimentos

Trata-se, também, de uma página opcional. Geralmente, quando utilizada, registra reconhecimento ao trabalho do orientador e das pessoas que cooperaram com o autor. Embora

os manuais recomendem restringi-los aos registros absolutamente necessários, não há uma regra rígida quanto ao número e natureza. É praxe incluir um agradecimento às instituições que apoiaram o trabalho, seja aquela com a qual o pós-graduando tem vínculo empregatício, seja a agência de fomento responsável por (uma eventual) bolsa de estudos.

O formato dessa página é, basicamente, o seguinte:

Agradecimentos

À professora Dra. Fulana de Tal, pela paciência, dedicação e competência com que orientou este trabalho.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN, pela rica convivência nestes anos de estudo.

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por viabilizar o desenvolvimento dos meus estudos pós-graduados e pelas condições de pesquisa oferecidas.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

3.2.8. Sumário

Lista das partes do trabalho, na ordem em que aparecem. As seções devem ser numeradas com algarismos romanos, na parte pré-textual, e arábicos, no corpo do texto. Títulos e sub-títulos são alinhados à esquerda, mas estes devem ter um pequeno recuo em relação àqueles.

Segue-se um modelo de Sumário.

Sumário

Lista de Figuras	iv
Lista de Tabelas	v
Resumo	vi
Abstract	vii
1. Introdução	8
2. Revisão da literatura	12
3. Material e Método	21
3.1. Material	21
3.2. Método	23
4. Resultados	25
4.1. Psicológicos	25
4.2. Pedagógicos	29
5. Discussão	34
6. Conclusões	39
7. Referências bibliográficas	42
Anexos	
Apêndices	

3.2.9. Listas de figuras e tabelas

Listas de figuras e tabelas devem fazer parte do documento, em páginas separadas, apenas quando houver um número considerável. Segue a mesma formatação do sumário.

3.2.10. Resumos

O resumo constitui-se em uma parte fundamental do trabalho, por ser o elemento que constará dos indexadores e, portanto, decisivo para definir a seqüência, ou não, da leitura do texto por parte daqueles que procuram o trabalho.

Em linhas bastante gerais, um resumo deve apresentar a estrutura do trabalho de forma concisa, sintética e clara, sem parágrafos. Para tanto, numerais e abreviações devem ser empregados e não se deve citar referências. No PPgPsi, a extensão máxima adotada é de 300 palavras.

O Resumo deve ser vertido para uma (ou mais) línguas. No PPgPsi, a versão em inglês é obrigatória, para todos os trabalhos monográficos (monografias, dissertações e teses), na forma de um *Abstract*. Cada um desses resumos deve iniciar uma nova página. Para as teses de doutorado, exigimos também a versão em espanhol, como *Resumen*.

Recomenda-se especial cuidado com as versões. *Softwares* tradutores automáticos não se prestam a essa finalidade, nem tampouco amigos que tenham uma vaga idéia da língua. As versões poderão (e, espera-se, deverão) ser lidas por leitores nativos e especialistas no assunto. Portanto, caso você não tenha domínio da língua, solicite auxílio àqueles que tenham familiaridade (acadêmica) com a língua.

Observem que, embora não seja praxe a inclusão de palavras-chave (e respectivas *keywords* e *palabras clave*) nos trabalhos monográficos de pós-graduação, no PPgPsi adotaremos a indicação de três a cinco palavras-chave, uma vez que elas irão facilitar futuras buscas em bancos de dados eletrônicos. Elas deverão ser precedidas da expressão “Palavras-chave:” e separadas entre si por ponto e vírgula (na segunda linha após a última linha do Resumo, *Abstract* ou *Resumen*).

3.3. Parte textual

3.3.1. Organização da parte textual

A parte textual constitui o núcleo do trabalho. Lembramos novamente que o nosso objetivo, aqui, é tão somente apresentar um padrão formal para elaboração do trabalho. Contudo, algumas considerações sobre a organização são necessárias, para dar maior clareza aos exemplos.

Embora a APA sugira uma seqüência análoga ao utilizado em relatos de pesquisa (IMRD: Introdução-Método-Resultados-Discussão), nem sempre os trabalhos acadêmicos de maior fôlego podem ser condicionados a tal padrão.

Desta forma, parece preferível apenas indicar três partes lógicas e gerais, a saber, Introdução-Desenvolvimento-Conclusões, por permitir ao estudante e ao orientador uma maior flexibilidade na condução do texto. Classificamos como “lógicas” pelo fato de estas partes não guardarem correspondência com as seções de um relato de pesquisa, ou seja, nem são partes fixas e obrigatórias do trabalho, nem se prestam, nesta forma, a intitular as seções. Evidentemente, uma parte inicial *pode* receber o título de “Introdução”, embora não seja necessário; assim como as considerações finais *podem* receber o título de “Conclusões”. Seguramente, entretanto, as seções intermediárias não receberão o título de “Desenvolvimento”, mas algo que indique mais precisa e efetivamente o conteúdo abordado.

Como a organização do material pode responder a lógicas diversificadas, torna-se praticamente impossível sugerir modelos. Apenas e tão somente a título ilustrativo, apresentamos e discutimos, brevemente, algumas formas de organização encontradas nos trabalhos monográficos. Ressalve-se que apresentamos apenas a estrutura central do trabalho, isto é, a parte textual, deixando de lado os demais componentes.

Um primeiro exemplo foi extraído da tese doutoral intitulada *Educação e a tradição marxista: a produção educacional marxista no Brasil dos anos 70/80*, de autoria de Oswaldo H. Yamamoto, apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 1994. Segue-se um esquema do trabalho.²

Introdução
Parte I: Das condições da emergência da produção educacional marxista
Capítulo 1: Os intelectuais e o processo de democratização no Brasil
Capítulo 2: A tradição marxista no Brasil e a academia
Capítulo 3: A (re)organização do campo educacional
Parte II: Da produção educacional marxista
Capítulo 4: Pré-história da produção educacional marxista
Capítulo 5: O doutorado da PUC/SP
Capítulo 6: Desenvolvimentos paralelos e evoluções
Conclusão

Observe-se que o núcleo do trabalho reside nas duas partes (subdivididas em capítulos e subcapítulos, não reproduzidos acima), precedidas por uma Introdução geral e uma Conclusão. Desta forma, aquilo que anteriormente denominamos de “Desenvolvimento” foi desdobrado nestas duas “partes” do trabalho.

Neste exemplo, a organização em partes é justificada pelo desenvolvimento de duas temáticas que, embora articuladas, são distintas. Opera-se uma inflexão significativa da primeira para a segunda parte, tanto do ponto de vista do foco, quanto do tratamento conferido aos temas.

² Nos exemplos apresentados, a organização gráfica foi reproduzida aqui conforme o padrão adotado naquelas instituições.

Um segundo exemplo é a dissertação de mestrado de Marco Antonio de Castro Figueiredo, *Psicologia e trabalho: um ensaio sobre a prática do psicólogo no controle político da produção capitalista*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, em 1980:

Introdução
Capítulo I: A determinação da organização taylorista do trabalho na prática da psicologia: da toga ao macacão e deste ao terno
Capítulo II: A reificação das relações de produção na atividade do psicólogo, o controle político nas fábricas
Capítulo III: O treinamento de atitudes
Capítulo IV: O treinamento de liderança
Capítulo V: Motivação e política gerencial
Notas finais sobre a questão da prática da psicologia nas organizações industriais

Neste segundo exemplo, o autor opta, no desenvolvimento da dissertação, por uma organização linear, na qual o tratamento dos temas se sucede na forma de capítulos com o mesmo peso. Além da Introdução, o autor apresenta um capítulo final, conclusivo, na forma de “Notas finais”. Esta forma, na realidade, apresenta vantagens com relação ao uso de uma “Conclusão”: além de escapar da dificuldade de não se tornar repetitivo na conclusão (afinal, tudo o que era importante já deve ter sido dito no corpo do trabalho...), de evitar um fechamento demasiadamente drástico que o termo conclusão carrega, o autor explicita os pontos sobre os quais o leitor deveria, no final do trabalho, prestar focalizar sua atenção.

Finalmente, apresentamos um terceiro exemplo, organizado segundo padrões mais próximos aos dos artigos científicos. Trata-se da tese doutoral de Fabíola da Silva Albuquerque, denominada *Cuidado cooperativo à prole em callitrix jacchus: dinâmica em*

ambiente natural, apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no ano de 1999.

É interessante notar que, neste caso, a estrutura consagrada IMRD é utilizada, com subdivisões em cada uma destas grandes partes, devido, sobretudo, à diferente envergadura de um trabalho no nível de doutorado, com relação a um simples relato de pesquisa (no texto, cada um desses subcapítulos ainda é subdividido em itens, discriminados no Sumário).

1. Introdução
 - 1.1. Cuidado à prole
 - 1.2. Comportamento de cuidado dos primatas, em especial da família callitrichidae
 - 1.3. Desenvolvimento do filhote e a distribuição do cuidado, com ênfase em *callitrix jacchus*
 - 1.4. As pesquisas com *callitrix jacchus* do Setor de Psicobiologia da UFRN
 - 1.5. Objetivo geral
 - 1.6. Hipóteses de trabalho e predições
2. Metodologia
 - 2.1. Caracterização do local e dos grupos estudados
 - 2.2. Coleta de dados
 - 2.3. Tratamento dos dados
3. Resultados
 - 3.1. Caracterização do desenvolvimento do filhote nos três primeiros meses de vida
 - 3.2. Distribuição do cuidado ao filhote
 - 3.3. Os ajudantes
 - 3.4. A fêmea reprodutora
4. Discussão
 - 4.1. Controle do acesso ao filhote e as variações na distribuição do cuidado à prole
 - 4.2. A distribuição do cuidado e o desenvolvimento do filhote
 - 4.3. A dinâmica do cuidado à prole
5. Conclusões

3.3.2. Tabelas, figuras e notas de rodapé

a) Tabelas e figuras

As figuras e tabelas pequenas devem ser incorporadas ao texto. As figuras e tabelas muito grandes devem ser colocadas em páginas subsequentes (como Apêndice).

Observar que a APA reconhece somente estas duas formas de representação. Tal fato não causa problemas com relação às figuras: fotos, desenhos, gráficos e o recurso SmartArt (Word for Microsoft) podem e devem ser identificados como figuras. As tabelas, por sua vez, referem-se a qualquer representação visual disposta em linhas e colunas, sejam as informações aí contidas do tipo numérico ou que se costuma chamar de quadro (ou listas).

De qualquer forma, o tratamento no que tange à apresentação (títulos, legendas etc.) deve seguir o padrão APA. Estas indicações estão contidas na seção cinco (Displaying results) (pp. 125-168). Recomendamos a consulta a esse material. Destacamos como sendo de especial utilidade os *Checklists* apresentadas nas páginas 150 (tabelas) e 167 (figuras).

Apenas a título ilustrativo, apresentamos aqui uma figura [extraída de Dias, M. G. B., Saltzstein, H. D., & Millery, M. (1999). Raciocínio moral em interação social: um estudo sobre sugestibilidade. *Estudos de Psicologia*, 4(2), 199-219] e, na seqüência, uma tabela [de Andriola, W. B., & Cavalcante, L. R. (1999). Avaliação do raciocínio abstrato em estudantes do ensino médio. *Estudos de Psicologia*, 4(1), 23-37].

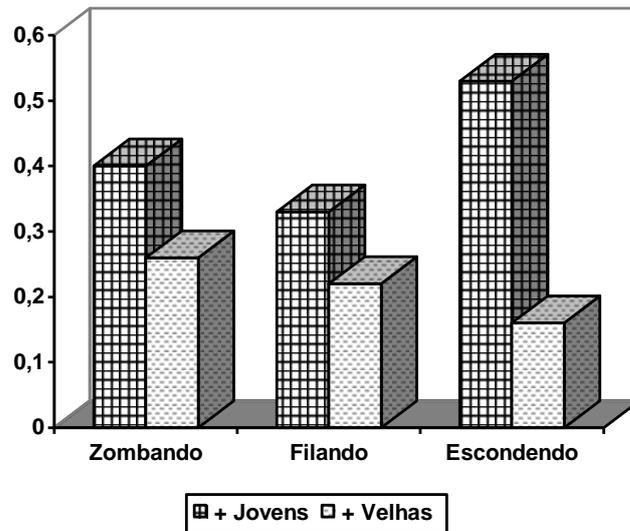


Figura 1. Proporção de mudanças de crianças pela idade em amostra americana.

Tabela 1

Estatística descritiva do desempenho de homens e mulheres no Teste RA

Amostra	Média	Desvio-padrão	Amplitude
Homens (n = 231)	20,54	6,36	2-29
Mulheres (n = 281)	21,08	6,23	2-29

As tabelas e figuras são numeradas (sucessivamente) com algarismos arábicos. Convém atentar para o fato de que os títulos de figuras são colocados abaixo delas, enquanto os das tabelas são colocados acima das mesmas. Todas as tabelas e figuras recebem títulos, que seguem a mesma formatação do texto (fonte *Times New Roman*, 12, espaço duplo). Os títulos das figuras são em estilo regular e os das tabelas, em itálico. **Considerando a facilidade de leitura, as tabelas e figuras podem apresentar seu conteúdo em espaço simples.**

b) Notas de rodapé

As notas de rodapé compreendem informações que não cabem na seqüência do texto, mas são julgadas importantes para a compreensão do ponto abordado. Embora não seja uma distinção fácil, elas não devem constituir-se em uma demonstração de erudição desnecessária, mas de transmissão de informações úteis. Além desse caso, informações obtidas por meios informais (por exemplo, as assim chamadas “comunicações pessoais”) também devem ser incluídas nas notas de rodapé (elas não constam da lista de referências).

O padrão utilizado no PPgPsi é apresentar todas as notas no final de cada página, numeradas sucessivamente, em algarismos arábicos, reiniciando-se a numeração ao abrir novo capítulo.

A padronização adotada para as notas de rodapé é: fonte *Times new Roman*, tamanho 10, espaço simples, justificado e sem recuo na primeira linha.

3.4. Parte pós-textual: descrição e modelos

3.4.1. Referências

A organização das referências bibliográficas talvez seja uma das partes mais trabalhosas e difíceis. De início, convém distinguir “Referências” de “Bibliografia”.

Todo e qualquer trabalho científico deve apresentar uma seção de “Referências”, na forma de uma lista detalhada e completa de todo o material efetivamente referido no texto, seja bibliográfico (artigos científicos, livros e capítulos, dissertações e teses), documental (incluindo legislação como decretos, portarias) ou disponibilizado em outras mídias (vídeos e áudios). Uma seção de “Bibliografia” distingue-se da anterior por comportar uma relação de obras que, embora consultadas e constituírem-se em parte integrante das condições para a elaboração do trabalho, não foram efetivamente utilizadas no texto. No PPgPsi, adotamos

apenas o primeiro caso, ou seja, os elementos (bibliográficos ou não), de fato, mencionados no texto.

As recomendações do manual da APA (6ª edição) abarcam quase todas as possibilidades em relação ao modo de apresentação das referências. Recomendamos fortemente a consulta a esse material para a elaboração das listas, uma vez que ele é extremamente detalhado e de difícil domínio, mesmo para pesquisadores experientes (disponível nos capítulos 6 e 7).

Com o intuito de constituir um material auxiliar, e visando destacar as poucas e ligeiras modificações adotadas no PPGPsi em relação ao padrão APA (p. ex.: “Org.” ao invés de “Ed.”), reproduzimos, a seguir, exemplos de casos mais comuns, para orientação nos trabalhos monográficos.

As referências deverão ser relacionadas alfabeticamente, no final do texto, pelos sobrenomes dos autores e cronologicamente por autor.

a) Citações no corpo do texto

As remissões sem a citação literal devem ser apresentar o seguinte padrão:

Casos	Aplicação	Exemplo
Até dois autores	Sobrenome(s) e ano de publicação em todas as citações	Wielewicky e Oliveira (2010) pontuam que o processo de internacionalização da ciência e educação é mais um componente das profundas mudanças que marcaram a transição para o século XXI. <u>No interior do parênteses:</u> O processo de internacionalização da ciência e educação é mais um componente das profundas mudanças que marcaram a transição para o século XXI (Wielewicky & Oliveira, 2010).
De três a cinco autores	O sobrenome dos autores é citado na primeira inserção e, da segunda vez em diante, somente o do primeiro autor	Essa participação, contudo, não tem passado isenta de críticas, conforme pontuam Guzzo, Marçal e Rybka (2014).

	seguido de “et al.” e ano de publicação	<u>Da segunda vez:</u> Para que isto seja possível, é preciso que a profissão compreenda de uma maneira mais qualificada as determinações macroestruturais (Guzzo et al., 2014).
Com seis autores ou mais	O sobrenome do primeiro autor seguido de “et al.” e ano em todas as citações. Em todos os casos acima, os nomes de todos os autores devem ser relacionados na lista final de Referências	Ackermann et al. (2005) estudaram saúde mental considerando os aspectos sofrimento psíquico e/ou aspectos subjetivos.

A APA sugere que as remissões podem ser feitas ao final da ideia ou parágrafo (o que chamou de *parenthetical*, dentro de parênteses), ou incorporadas ao texto (*non-parenthetical*). Em ambos os casos, quando mais de uma obra referenciada, a sequencia a ser apresentada é ordem alfabética. Seguem os principais casos:

Casos	Dentro de parênteses	Incorporado ao texto
Um trabalho	A relação entre ciência e sociedade não deve ser compreendida de forma direta, unilateral (Bernal, 1973).	Bernal (1973) ressalta que a relação entre ciência e sociedade não deve ser compreendida de forma direta, unilateral
Dois ou mais trabalhos de autores distintos	Confirmando a situação relatada em estudos anteriores (Castro & Yamamoto, 1998; Mello, 1975; Rosas, Rosas & Xavier, 1988), 90% dos respondentes são do sexo feminino.	As pesquisas de Castro e Yamamoto (1998), Mello (1975) e Rosas, Rosas e Xavier (1988) confirmam a situação relatada de que 90% dos respondentes são do sexo feminino.
Dois ou mais trabalhos do mesmo autor	O aumento do trabalho feminino a partir dos anos 1990 é acompanhado do emprego precário e vulnerável (Hirata, 2009, 2011).	De acordo com Hirata (2009, 2011), o aumento do trabalho feminino a partir dos anos 1990 é acompanhado do emprego precário e vulnerável.
Trabalhos clássicos	Os autores do <i>Manifesto Comunista</i> dedicaram um tópico inteiro à análise das diferentes propostas de transformação social existentes em sua época (Marx & Engels, 1848/2010).	Marx e Engels (1848/2010) dedicaram um tópico inteiro à análise das diferentes propostas de transformação social existentes em sua época.

No caso de citação literal, o trecho deve aparecer entre aspas, indicando os autores, ano da publicação e a(s) página(s) de onde foi(foram) retirada(s). Citações com mais de 40 palavras devem ser colocadas em bloco separado, sem aspas, com recuo com relação à margem esquerda de cinco espaços e em espaço simples.

Quando for absolutamente inevitável, pode-se citar um texto contido em outra publicação consultada, sem que o original tenha sido consultado. Neste caso, deve-se citar na seção de Referências apenas a obra consultada e no corpo do texto indicar autores e datas dos dois textos, conforme o exemplo: “Piaget (1932, citado por Flavell, 1996)”.

b) Lista de referências

Casos	Exemplos
Livros e obras tomados na íntegra	Chauí, M. (1984). <i>Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida</i> . São Paulo: Brasiliense.
	Moura, M. L. S., & Correa, J. (1997). <i>Estudo psicológico do pensamento: de W. Wundt a uma Ciência da Cognição</i> . Rio de Janeiro: EDERJ.
	Conselho Federal de Psicologia. (Org.). (1988). <i>Quem é o psicólogo brasileiro?</i> São Paulo: Edicon.
Livros disponíveis apenas em versão eletrônica	Edler, F. C. (2011). <i>Medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical</i> . Recuperado de http://books.scielo.org/id/4j2xp
Capítulos de coletâneas	Frigotto, G. (1998). A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In L. H. Silva (Org.), <i>A escola cidadã no contexto da globalização</i> (pp. 218-238). Petrópolis: Vozes.
	Gondim, S. M. G., Bastos, A. V. B., & Peixoto, L. S. A. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Orgs.), <i>O trabalho do psicólogo no Brasil</i> (pp. 174-199). Porto Alegre: Artmed.
Capítulo de livro com mais de uma editora	Araujo, T. B. (2013). Desenvolvimento regional brasileiro e políticas públicas federais no governo Lula. In E. Sader (Org.), <i>10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma</i> (pp. 157-172). São Paulo/Rio de Janeiro: Boitempo/FLACSO Brasil.
Artigos em periódicos	Mello, S. L. (1992). Classes populares, família e preconceito. <i>Psicologia USP</i> , 3, 123-130.

científicos	<p>Oliveira, W. J. (2008). Gênese e redefinições do movimento ambientalista no Brasil. <i>Revista de Ciências Sociais</i>, 51(3), 751-777.</p> <p>Vallacher, R. R., & Wegner, D. M. (1987). What do people think they're doing? Action identification and human behavior. <i>Psychological Review</i>, 94, 3–15. doi: 10.1037/0033-295X.94.1.3</p>
Fascículo, dossiê ou número especial de periódico científico	<p>Mendes, J. M., & Tavares, J. O. (Eds.). (2011). Risco, vulnerabilidade social e cidadania [número especial]. <i>Revista Crítica de Ciências Sociais</i>, 93.</p> <p>South American Science. (2014). <i>Nature</i>, 510(7504).</p> <p>Spagnolo, F. (Ed.). (2005). Mestrado Profissional [número especial]. <i>Revista Brasileira de Pós-Graduação</i>, 2(4).</p>
Trabalhos não-publicados ou no prelo	<p>Blackwell, E., & Conrad, P. J. (2003). <i>Avaliação dos motivos para ingestão de bebida alcoólica a partir de um modelo de cinco dimensões</i>. Manuscrito não-publicado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará.</p> <p>Ades, C. (no prelo). A construção da teia geométrica enquanto instinto: primeira parte de um argumento. <i>Psicologia USP</i>.</p>
Trabalhos apresentados em eventos científicos e publicados em anais	<p>Bueno, J. L. O. (1986). O estudo do comportamento animal no Brasil na década de 70. In Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (Org.), <i>Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto. Anais</i> (pp. 9-36). Ribeirão Preto: Autor.</p> <p>Matos, D. A. S. (2013). Estratégias de verificação da confiabilidade e concordância entre juízes: aplicações na área educacional. In Associação Brasileira de Avaliação Educacional (Org.), <i>VII Reunião da ABAVE. Resumos</i> (pp. 345-364). Brasília: Autor.</p>
Trabalhos apresentados em eventos científicos e não-publicados	<p>Neiva, E. R., & Corradi, A. A. (2008). <i>A pesquisa de redes sociais de pesquisadores no Brasil: primeiros resultados</i>. Comunicação apresentada no Seminário Novos Horizontes da Psicologia, Bento Gonçalves, Brasil.</p>
Trabalhos apresentados em eventos científicos disponíveis na internet	<p>Oliveira, B. (2001). <i>A dialética do singular-particular-universal</i>. Comunicação apresentada no V Encontro de Psicologia Social Comunitária, Bauru. Texto completo recuperado de http://test.stoa.usp.br/articles/0016/4963/ADialeticaDoSingularParticularUniversal.pdf</p>
Trabalhos monográficos disponíveis na internet	<p>Amorim, K. M. O. (2010). <i>Compromisso social do psicólogo em artigos publicados em periódicos científicos no Brasil</i> (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Recuperado de http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/8695/1/KeylaMOA_DISSE RT.pdf</p>

	<p>Bernardes, J. S. (2004). <i>O debate atual sobre a formação em Psicologia no Brasil - permanências, rupturas e cooptações nas políticas educacionais</i> (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo). Recuperado de http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6403</p>
Trabalhos monográficos não publicados	<p>Rachi, K. (1990). <i>Educação escolar brasileira: um reexame dos estudos tendo por centro de análise a categoria de “contradição”</i> (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.</p> <p>Freitas, L. C. (1987). <i>Análise Experimental do Comportamento aplicada à Educação: um estudo do caso brasileiro</i> (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.</p>
Obra antiga e reeditada em data muito posterior	<p>Piaget, J. (1973). <i>A linguagem e o pensamento da criança</i> (3^a ed., M. Campos, Trad.). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. (Texto original publicado em 1956)</p>
Autoria institucional	<p>American Psychological Association (1994). <i>Publication manual</i> (4^a ed.). Washington: Autor.</p>
Comunicações pessoais	<p>Cartas, conversas (telefônicas ou pessoais) e mensagens (incluindo e-mail) não devem ser incluídas na seção de Referências, mas apenas no texto como nota de rodapé, na forma: iniciais e sobrenome do emissor e data (Exemplo: S. L. Mello, comunicação pessoal, 15 de setembro de 1995).</p>
Arquivo ou documento retirado da internet	<p>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2013). <i>Documento de Área 2013</i>. Recuperado de http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4681-psicologia</p> <p><i>Parecer 977</i>. (1965, 03 de dezembro). Brasília, DF: Conselho Federal de Educação.</p>
Documentos oficiais e legislação	<p><i>Portaria nº 013</i>. (2006, 15 de Fevereiro). Institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos. Brasília, DF: Ministério da Educação.</p> <p><i>Resolução nº466</i>. (2012, 12 de dezembro). Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde.</p>
Artigo de jornais ou revistas de circulação	<p>Ades, C. (2001, 15 de abril). Os animais também pensam: e têm consciência. <i>Jornal da Tarde</i>, p. 4D.</p>
Áudios	<p>Legião Urbana. (1986). Eduardo e Mônica. Em <i>Dois</i> [CD]. São Paulo: EMI.</p> <p>Rádio UFRGS. (Produtora). (2015, 22 de junho). <i>Fronteiras da Ciência</i> [Podcast]. Recuperado de http://www.ufrgs.br/frontdaciencia/</p>

Vídeos

Grossman, N., Ostrowsky, I., & Schwarzman, T. (Produtores). Tyldum, M. (Diretor). (2014). *O jogo da imitação* [Filme]. Estados Unidos: Black Bear Pictures.

Conselho Federal de Psicologia (Produtor). (2015). *O genocídio da juventude negra no Brasil* [Vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=B4bWnBMcjPA>

3.4.2. Apêndices e Anexos

Embora a APA não faça distinção entre Apêndices e Anexos, parece-nos que essa diferenciação é conveniente, uma vez que, de fato, são seções com conteúdos característicos.

a) Apêndices

Os Apêndices constituem-se, basicamente, de complementação de informações que não cabem na seqüência normal do texto (a mesma lógica das notas de rodapé). *São documentos redigidos/preparados pelo próprio autor* (tabelas grandes, listas de informantes, questionários, roteiros de entrevistas, mapas, ilustrações, glossários etc.).

Caso haja mais de um apêndice, cada um deles deve ser identificado com uma letra maiúscula, em ordem alfabética, iniciando-se cada novo apêndice em uma nova página.

b) Anexos

Anexos, por seu turno, constituem-se de documentos, *não elaborados pelo autor* (folhetos, recortes de jornais e revistas, estatutos, leis e decretos, cartazes etc.), que complementam o trabalho. Caso existam vários anexos, eles devem ser relacionados em lista que os antecede, e numerados em ordem crescente.

Referências

- American Psychological Association. (1994). *Publication Manual of the American Psychological Association – Fourth Edition*. Washington, DC: Autor.
- American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association – Sixth Edition*. Washington, DC: Autor.
- Andrade, M. M. (1995). *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação*. São Paulo: Atlas.
- Bianchetti, L., & Machado, A. L. (2006). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: UFSC.
- Eco, U. (1996). *Como se faz uma tese* (14^a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Resolução nº 05*. (1983, 10 de março). Fixa normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Brasília, DF: Conselho Federal de Educação.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Yamamoto, O. H., & Pinheiro, J. Q. (2000). *Instruções para apresentação de trabalhos monográficos de pós-graduação*. Manuscrito não-publicado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte.

Apêndice

Relação de algumas obras para consulta acerca de diretrizes e normas para elaboração de trabalhos científicos

American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association – Sixth Edition*. Washington, DC: Autor.

Andrade, M. M. (2008). *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação*. São Paulo: Atlas.

Eco, U. (1996). *Como se faz uma tese* (14ª ed.). São Paulo: Perspectiva.

Gil, A. C. (1995). *Como elaborar projetos de pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: Atlas.

Medeiros, J. B. (2014). *Redação científica*. São Paulo: Atlas.

Nascimento, M. M., Sabadini, A. A. Z. P., & Sampaio, M. I. C. (Orgs.). (2013). *Normalização de Referências: adaptação do manual de estilo da American Psychological Association (APA) – 6ª ed.* Recuperado de http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/normalizacao_referencias_APA_6_ed_vers%C3%A3o2013.pdf

Sabadini, A. A. Z. P., Sampaio, M. I. C., & Koller, S. H. (2009). *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Sabadini, A. A. Z. P., Sampaio, M. I. C., & Nascimento, M. M. Orgs.). (2013). *Citações no texto e notas de rodapé*. Recuperado de <http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/manuais/citacoesnotextoapa.pdf>.

Salomon, D. V. (1999). *Como fazer uma monografia* (9ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.